

Nova rodada não tem data

BRÁSILIA — Ontem, no Ministério da Economia, não havia sequer uma definição sobre a data de retorno do principal negociador da dívida externa brasileira, embaixador Jório Dauster, a Nova Iorque, para retomar as conversas com os credores. A data da viagem só será acertada hoje, depois de uma reunião do embaixador com a ministra Zélia Cardoso de Mello. Dauster, que ficou abatido com a dureza do diálogo mantido na semana passada com os credores, está agora menos desalentado. “Ele está amadurecendo o sentimento de que a negociação é difícil mesmo, e de que esse é um processo lento”, revelou um assessor da ministra Zélia.

A equipe econômica volta a se organizar hoje para retomar as conversas com os credores já sem ilusões de contar com o apoio da Casa Branca nas negociações. A visita do presidente George Bush não trouxe qualquer alento aos negociadores brasileiros. O presidente e seus principais assessores — entre eles o secretário do Tesouro, Nicholas Brady — deixaram claro que os Estados Unidos não vão interferir nas negociações. Ontem à tarde, ciente dessa posição norte-americana, o Itamarati definiu a visita de Bush como “um marco político”, através do porta-voz José Vicente Pimentel.

O embaixador Jório Dauster foi

chamado às pressas, de Nova Iorque, no sábado à tarde, pelo presidente Fernando Collor, para participar das conversas com o presidente Bush e o secretário do Tesouro norte-americano, Nicholas Brady, deixando nos Estados Unidos a equipe técnica que o auxilia nas negociações. Durante a conversa de anteontem, Brady antecipou ao negociador brasileiro o que diria numa entrevista à imprensa ao final da tarde: “Não é atribuição do governo norte-americano interferir nas negociações entre o governo brasileiro e os bancos privados”.

Enquanto os interlocutores brasileiros falaram, mais uma vez, das enormes dificuldades do país para pagar juros atrasados, a conversa com as autoridades norte-americanas, no Ministério da Economia, também trouxeram à tona as dificuldades dos bancos, nos Estados Unidos, para fechar seus balanços. Essas dificuldades não se devem apenas ao atraso nos recebimentos de juros atrasados da dívida, mas principalmente aos déficits registrados este ano, por investimentos imobiliários fracassados. “De qualquer forma, Brady sentou-se e ouviu os argumentos do lado brasileiro”, registra um assessor da ministra, para o qual, a curto prazo, nada pode alterar o impasse nas negociações da dívida externa brasileira.